

# CRÔNICA E COTIDIANO: SEUS LUGARES NA CONTEMPORANEIDADE

Ana Karla Dubiela\*

## Resumo

*A linguagem e o teor singulares da crônica traduzem o sentimento contemporâneo da saga em busca de lucidez e segurança. Do império ao modernismo, a crônica evolui e se assume híbrida. A forma curta, o tom fragmentado e ligeiro encaixam-se no frenesi pós-moderno e o gênero se firma como prosa tipicamente brasileira. Em entrevista, Affonso Romano de Sant'Anna, Roberto Braga e Airton Monte acirram debate sobre o gênero e falam daquele que é considerado o maior dos cronistas modernos: Rubem Braga.*

**Palavras-chave:** Rubem Braga, crônica, hibridismo.

## Abstract

*The singular language and text of the chronicle translate the contemporary feeling of the saga looking forwards to lucidity and safety. From the empire to the modernism, the chronicle develops and it assumes hybrid. The short form, the fragmented and fast tone insert in the after-modern frenzy and the genre settle as a typical brazilian prose. In interview, Affonso Romano de Sant'Anna, Roberto Braga and Airton Monte incite debate about the genre and talk about the one who is considered the greater modern chronicle: Rubem Braga.*

**Keywords:** Rubem Braga, chronicle, hybridism.

No processo de busca de identidade, a crônica literária tem como companhia toda uma nação e os princípios da contemporaneidade que marcam os rumos imprecisos da literatura nos séculos XX e XXI. A “crise dos fundamentos da vida humana”, como a denomina Gilberto de Mello Kujawski (1991, p.34), tem sua raiz na quebra dos padrões da vida cotidiana. As aflições do homem de nosso tempo e a crônica têm, portanto, a mesma raiz: a cotidianidade.

A linguagem e o teor singulares do gênero traduzem o sentimento contemporâneo da saga em busca de lucidez e segurança. Do seu surgimento – como registro histórico do império – ao modernismo, a crônica evolui e se assume híbrida. A forma curta, o tom fragmentado e ligeiro encaixam-se no frenesi pós-moderno. Talvez por isso, tenha conseguido se firmar, em nossos dias, como prosa tipicamente brasileira.

Na virada do século XIX para o século XX, a crônica tomou o bonde que mudava o ritmo e os costumes da cidade – numa nítida alegoria ao progresso – e registrou sentimentos coletivos, tradições, anseios e sonhos de gerações divididas, entre a esperança e a miséria de uma nação iletrada. O cenário carioca concentra as atenções literárias e culturais das elites nacionais que vivem soberbamente as benesses de capital federal. Os jornais cariocas marcam os registros de fundação da crônica brasileira, fazendo com que alguns estudiosos da literatura considerem o gênero filho legítimo do Rio de Janeiro.

O estilo urbano, a molecagem carioca, predominavam nos grandes jornais brasileiros. Mas é importante observar que, em menor escala, se multiplicavam pelo país cronistas dos mais variados tons, o que põe por terra a teoria da formação de um gênero em estreitos limites geográficos (SÁ, 1985, p.69). É fato que os grandes escritores, nascidos ou não no Rio, assumem a cidade como sua e lançam um farol sobre a história da crônica no país. São exemplos Rubem Braga e Drummond, Machado de Assis, João do Rio, Lima Barreto, Olavo Bilac, Carlos Heitor Cony, Vinícius de Moraes, Paulo Mendes Campos e tantos outros.

Extrapolando os limites da região Sudeste, a voz da crônica, tímida figurante de fundo de palco, aos poucos, toma de assalto o espetáculo, encanta o público e garante um lugar na cena literária brasileira. Do “rés-do-chão”, ou seja, do canto inferior da página dos jornais que lhe era reserva-

\* Jornalista, especialista em Estudos Literários e Culturais (UFC), mestranda em Literatura Brasileira (UFC). Bolsista Capes.

do no século XIX, alça vô, independente da dificuldade dos teóricos em classificá-la. Aquela forma coloquial de traduzir o cotidiano no tempo dos folhetins, misturada entre receitas de bolo, dicas de beleza e capítulos de romances seriados, não era vista como literatura. Era algo que se moldava como barro, entre a poesia, o conto e o ensaio, entre o jornalismo e literatura. Nasceu com hibridismo crônico, desenvolveu-se, assumiu a ambigüidade e o status de gênero literário:

*As dificuldades em classificar a crônica resultam, como acentuou Eduardo Portela, do fato de que “tem a caracterizá-la não a ordem ou a coerência, mas exatamente a ambigüidade”, que “não raro a conduz ao conto, ao ensaio por vezes, e freqüentemente ao poema em prosa”. (...) De qualquer modo, o que se deve ressaltar é a importância que o gênero vem assumindo em nossa literatura. (COUTINHO, 1990, p.306).*

Alçada à condição de gênero, o debate se volta para a dimensão da crônica no universo literário. Um dos maiores estudiosos da literatura contemporânea, Antonio Candido, é incisivo:

*A crônica não é um “gênero maior”. (...) Nem se pensaria atribuir um Prêmio Nobel a um cronista, por melhor que fosse. Portanto, parece mesmo que a crônica é um gênero menor. “Graças a Deus” – seria o caso de dizer, porque sendo assim ela fica perto de nós. (CANDIDO, 1992, p.13).*

José Paulo Paes concorda e a define como “gênero menor, cujas fronteiras imprecisas confinam com as do ensaio de idéias, (...) se caracteriza pela expressão limitada” (PAES, 1992, p.130).

A instantaneidade da crônica, que faz João do Rio denominá-la de “gênero gêmeo à cinematografia” (Cf. LIMA, 1992, p.45-46) a conquista da posteridade através dos livros, sua forma flutuante e a aceitação como gênero literário são elementos que acirram o debate. Afrânio Coutinho, Jorge de Sá e Affonso Romano de Sant’Anna dizem que não há gênero menor em literatura. Em entrevista que nos foi concedida durante a realização da VI Bienal Internacional do Livro em Fortaleza, Sant’Anna enfatizou o que chama de “equivoco”:

*Enquanto gênero literário, [a crônica] nunca foi estudada formalmente. Eu sempre repito que a Universidade tem que descobrir a crônica ainda. Há uma série de equívocos, inclusive o próprio Antonio Candido tem um equívoco sobre isso, quando ele diz que a crônica é um gênero menor. Não é um gênero menor. (...) Há pessoas menores diante de certos gêneros. Quando tratado devidamente, o gênero torna-se maior.(Anexo 01).*

No primeiro livro totalmente dedicado à crônica no Brasil, lê-se o conceito de “gênero narrativo, equivocadamente considerado menor pela crítica literária” (SÁ, 1985). À discussão Afrânio Coutinho acrescenta o tom brasileiro do gênero, como fator de valorização da crônica:

*Se algo existe em nossa literatura, que pode ser tomado como exemplo frisante da nossa diferenciação literária e lingüística, é a crônica. Dificilmente poderá apontar-se coisa parecida, mesmo na literatura portuguesa, a uma crônica de Rubem Braga. E este autor ainda apresenta esta singularidade: é um escritor que entra para a história literária exclusivamente como cronista. Como fato muito significativo é a posição da crônica, sua importância, o grau de perfeição a que atingiu, depois de longa evolução. (...) O fato de ser divulgada em jornal não implica em desvalia literária do gênero. (COUTINHO, 1990, p.304-305).*

Para fundamentar a discussão em torno da crônica, procuramos aprofundar o assunto através da técnica jornalística da entrevista. Além de Affonso Romano, teórico da crônica e professor de Literatura, dois outros nomes lançam luzes sobre o tema: o filho único de Rubem Braga, o jornalista e poeta Roberto Braga e o cronista d’O Povo, Airtton Monte, autor do livro *Moça com flor na boca*.

Affonso Romano de Sant’Anna divide a crônica moderna em dois momentos: a anedótica (até os anos de 1960) e a crônica de densidade política (a partir dos anos 70/80). Ou seja, ele nega aos cronistas que escreveram até a década de 60 a tendência sistemática ao conteúdo social.

*Eu acho que há dois momentos muito claros da história da crônica no Brasil. Eu diria que essa crônica, que vem dos anos 40, 50, 60, que produziu esses grandes mestres como Rubem [Braga], Fernando [Sabino], Paulo Mendes Campos, é uma crônica sobre pequenos fatos do cotidiano. É uma crônica anedótica, é uma crônica lírica, (...) muito sobre o quadro da zona sul carioca, às vezes, mas falta, em geral, nessa crônica, a densidade política. Acho que essa densidade política (...) só começa a aparecer, sistematicamente, a partir dos anos 70, para 80. (Anexo 01).*

O início da crônica engajada, para Sant’Anna, coincide com o fim da ditadura militar. Ele próprio afirma ter seguido a vertente questionadora em 1984, quando substituiu Carlos Drummond de Andrade, no *Jornal do Brasil*. A partir de então, fez questão de acentuar “a necessidade da crônica falar sobre o outro lado do cotidiano que não é tão lírico, não é tão leve, não distrai tanto o leitor, mas perturba o leitor de alguma maneira” (Anexo 01). Ele reconhece a preferência da crônica atual por temas áridos, tão comuns nos jornais, mas os considera “patéticos”:

*A crônica se tornou mais política a partir dos anos 80. Hoje você tem o Jabor, o próprio Zuenir Ventura e eu, desde o princípio, insisti nisso. (...) O que não significa que, eventualmente, num cronista dessa primeira fase, dessa fase anterior, você não encontre alegorias, referências, mas de uma maneira mais light, ainda graciosa e não de uma maneira patética como nós tratamos hoje o assunto, porque o assunto hoje se tornou patético, já não é tão lírico. (Anexo 01).*

O cronista Airton Monte discorda que a crônica dos anos 60 tenha sido, em sua maioria, lírica e anedótica. A evolução do gênero, para ele, teve impulso com a transformação imposta pela crítica social, que, ao contrário do que afirma Sant'Anna, teria começado antes dos anos 70/80:

*Essa grande mudança já começou nos anos 60, em 1968, a partir do lançamento d'O Pasquim, que fez uma revolução no jornalismo brasileiro e na crônica. Porque, apesar de ser um jornal essencialmente humorista, era também um jornal essencialmente político. E nesse jornal nós vimos os grandes cronistas escrevendo. O Luís Fernando Veríssimo, Millôr Fernandes. Hoje, essa tendência da crônica política está mais com João Ubaldo Ribeiro, que sempre bateu forte, e o nosso Veríssimo. (Anexo 03).*

Roberto Braga acredita que, no que diz respeito ao seu pai, a crítica social era patente, inclusive pela posição ideológica que assumiu: "Ele tinha uma atitude muito crítica. Ele era socialista utópico, digamos assim. Acreditava num socialismo que na verdade não existe" (Anexo 02).

É interessante observar que Affonso Romano de Sant'Anna chama, na crônica, de "alegorias", "referências", de maneira "light" e "graciosa" o que Roberto Braga vê como crítica subliminar, que só não era mais direta e objetiva por causa da censura dos anos 60. Dois bons exemplos da crítica social em Rubem Braga são *Ai de ti Copacabana* (BRAGA, 1960) e *A traição das elegantes* (BRAGA, 1967). E ele se refere, também, aos demais cronistas da época: "Ah, só era subliminar porque se não ia em cana, não dava. Eles simplesmente não publicariam uma coisa que fosse perigosa para o dono do jornal" (Anexo 02). O jornalista sugere que o sentimento de reação literária, de engajamento, já havia durante a repressão, mas só pôde tomar fôlego com a retomada da liberdade de expressão, nos anos 80. Engajada ou lírica, o fato é que alguns estudiosos começaram a analisar a real dimensão do gênero. Affonso Romano de Sant'Anna discorda claramente de Antonio Candido, quando este a define como "gênero menor", e reafirma a necessidade de estudos formais sobre o assunto:

*Eu sempre repito que a Universidade tem que descobrir a crônica ainda. A crônica ainda não foi teorizada suficientemente. Há uma série de equívocos, inclusive o próprio Antonio Candido tem um equívoco sobre isso, quando ele diz que a crônica é um gênero menor. Não é um gênero menor. (...) Há pessoas menores*

*diante de certos gêneros. Quando tratado devidamente, o gênero torna-se maior. (Anexo 01).*

Os adeptos da corrente de Candido e Paes, de um lado, e de Coutinho e Sant'Anna de outro, parecem convergir em um ponto: a importância de Rubem Braga para a crônica moderna no Brasil.

*Rubem [Braga] é um caso singular. Ele realmente fundou a crônica moderna no Brasil. Se você pega o que havia com Machado de Assis, com José de Alencar, Humberto de Campos, Manuel Bandeira, (...) José Lins do Rego, ele transformou a crônica num objeto próprio. Rubem foi quem definiu na prática o que é a crônica, pelo menos um tipo de crônica moderna, aquele que incorpora o lirismo e o cotidiano a uma escrita sedutora. (Anexo 01).*

Apesar disso, mais de 13 mil crônicas de Rubem Braga dormem esquecidas nos arquivos de antigos jornais e revistas e nunca foram publicadas em livro. É só uma das evidências de que a crônica e seus autores, como defendem os entrevistados, necessitam de maior atenção da academia.

A qualidade e a estreita relação com os leitores, mais que o mero questionamento sobre a permanência do gênero, foram atributos indispensáveis para a sua edificação na história literária do Brasil. Além das fagulhas líricas, sociais e políticas que acendeu, há, principalmente, o legado literário: a crônica caiu nas graças de um país historicamente iletrado.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRAGA, RUBEM. *Ai de ti, Copacabana*. Rio de Janeiro: Record, 1960.
- \_\_\_\_\_. *A traição das elegantes*. Rio de Janeiro: Record, 1967.
- CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: \_\_\_\_\_ (Org.). *A Crônica: O gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas (SP), Rio de Janeiro: Ed. da UNICAMP, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p.13-22.
- COUTINHO, Afrânio. *Introdução à literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- KUJAWSKI, Gilberto de Mello. *A crise do século XX*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1991.
- LIMA, Luiz Costa. O transtorno da viagem. In: CANDIDO, Antonio (Org.). *A Crônica: O gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas (SP), Rio de Janeiro: Ed. da UNICAMP, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 41-72.
- MONTE, Airton. *Moça com flor na boca*. Fortaleza: Livro Técnico/Funcet, 2004.]
- PAES, José Paulo. Crônica (verbetes). In: MOISÉS, Massaud; PAES, José Paulo. *Pequeno dicionário de literatura brasileira*. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1987.
- SÁ, Jorge de. *A crônica*. São Paulo: Ática, 1985.
- SANT'ANNA, Affonso Romano de. A crônica é literatura viva. In: *Revista de Comunicação*, nº 33, 1993.

## ANEXO 01

“A Universidade tem que descobrir a crônica”, diz Affonso Romano de Sant’Anna

Entrevista a Affonso Romano de Sant’Anna realizada em 30.08.2004, durante uma visita ao Projeto Labirinto, no Museu de Arte da UFC e na VI Bienal Internacional do Livro, em Fortaleza.

**Ana Karla Dubiela** – Na crônica de Rubem Braga você identificou um “choque lírico”, inesperado, ao final dos textos. Como você vê a prosa e a poesia, ou seja, a “proesia” de Braga?

**Affonso Romano de Sant’Anna** – Essa idéia do choque lírico reativa a idéia de estranhamento da linguagem. A linguagem prosaica convencional, ela não produz nenhum estranhamento, nenhum choque. Ela pode produzir um conhecimento, uma informação, uma surpresa nessa área. Choque lírico pega pelo imprevisível, mas também pela emoção, por uma certa irracionalidade. Como se houvesse um vácuo entre uma palavra e outra e o autor, no entanto, consegue juntar as duas palavras mais esse vácuo, e cria no leitor a possibilidade de estranhamento da sua parte e a possibilidade do leitor entrar dentro do texto. Essa é uma das funções da poesia. A poesia é um texto que não é um texto fechado, não é um texto completo. É um texto que traz pra dentro de si o leitor. Ele convoca o eu do leitor a sair de dentro do leitor.

**AKD** – *A Traição das Elegantes* foi escrito em 1967, ou seja, três anos após o golpe militar e às vésperas do AI-5. Como era fazer crítica social através da arte numa época tão conturbada?

**ARS** – É curioso anotar o seguinte: Eu acho que há dois momentos muito claros da história da crônica moderna no Brasil. Eu diria que essa crônica, que vem dos anos 40, sobretudo, 50, 60, que produziu esses grandes mestres como Rubem (Braga), Fernando (Sabino), Paulo Mendes Campos, é uma crônica sobre pequenos fatos do cotidiano. É uma crônica anedótica, é uma crônica lírica, é uma crônica muito sobre o quadro da zona sul carioca, às vezes, mas falta, em geral, nessa crônica, a densidade política. Acho que essa densidade política na crônica brasileira só começa a aparecer, sistematicamente, a partir dos anos 70 para 80. Quando eu comecei a fazer crônicas, substituindo Drummond em 84, uma das vertentes que eu fiz questão de acentuar foi essa. A necessidade da crônica falar sobre o outro lado do cotidiano que não é tão lírico, não é tão leve, não distrai tanto o leitor, mas perturba o leitor de alguma maneira. Ainda recentemente, eu acabei publicando um livro chamado *Nós os que matamos Tim Lopes*, que é um livro de crônicas, que resultou do fato de um editor me pedir pra reunir todas as crônicas que eu havia feito sobre a

questão da violência no país. E, ao fazer o recolhimento dessas crônicas durante quase trinta anos, me dei conta que ali, de alguma maneira, estava a história do banditismo e da violência urbana no país dos anos 70 pra frente. Por quê? Porque a violência faz parte da crônica do país. Tanto é que a minha tese era de que a história do país é também a história dos seus bandidos. Se você escrever a história dos bandidos, é capaz de entender melhor o país do que se escrever a história dos generais ou a história dos pintores e dos escritores. Então, a crônica se tornou mais política a partir dos anos 80. Hoje, você tem o Jabor, o próprio Zuenir Ventura e eu, desde o princípio, insisti nisso. Nesse sentido, como eu disse no princípio, parece que tem dois momentos muito claros. O que não significa que, eventualmente, num cronista dessa primeira fase, dessa fase anterior, você não encontre alegorias, referências, mas de uma maneira ainda light, ainda graciosa e não de uma maneira patética como nós tratamos hoje o assunto, porque o assunto hoje se tornou patético, já não é tão lírico.

**AKD** – Em “A traição das elegantes”, Rubem Braga parte de uma simples declaração do Ibrahim Sued sobre as fotos das mulheres mais elegantes do ano para analisar o comportamento social de uma época, deslumbrada com a recente industrialização e o chamado “Milagre Econômico”. Até que ponto a crítica social influenciou os cronistas da época?

**ARS** – Talvez uma coisa que possa ser dita em relação a essa pergunta é que uma das características básicas da crônica, enquanto gênero literário, nunca foi estudada formalmente. Eu sempre repito que a Universidade tem que descobrir a crônica ainda. A crônica ainda não foi teorizada suficientemente. Há uma série de equívocos, inclusive o próprio Antonio Candido tem um equívoco sobre isso, quando ele diz que a crônica é um gênero menor. Não é um gênero menor. Eu sempre digo: há pessoas menores diante de certos gêneros. Quando tratado devidamente, o gênero torna-se maior. Uma das características da crônica, se eu fosse um dia tentar pensar não mais como cronista mas pensar como professor e como teórico. Um dos itens é que a crônica é uma operação metonímica, ou seja, é um texto que toma o particular pelo todo. É o caso do Rubem Braga. Ele pega uma frase do Ibrahim Sued e, através daquela frase, ele vai tecendo um comentário que é muito mais eficiente do que um comentário de um sociólogo ou de um historiador. Isso, em outros termos, é muito o que faz o Veríssimo, também, o tempo todo. Ele trabalha da parte pelo todo.

**AKD** – A crônica se impôs como gênero literário no Brasil, ao contrário de outros países. Na sua opinião, qual o papel de Rubem Braga na consagração do gênero na literatura brasileira?

**ARS** – Rubem é um caso singular. Ele realmente fundou a crônica moderna no Brasil. Se você pega o que havia com Machado de Assis, com José de Alencar, Humberto de Cam-

pos, Manuel Bandeira, anteriormente, José Lins do Rego, ele transformou a crônica num objeto próprio. Rubem foi quem definiu na prática o que é a crônica, pelo menos, um tipo de crônica moderna, aquele que incorpora o lirismo e o cotidiano a uma escrita sedutora. Por isso é que, teoricamente, há que se estudar porque essa crônica, a partir de então, passou a ter uma estrutura própria.

**AKD** – O escritor atual tem uma função social? Ainda fazemos «literatura engajada»? Se ela existe, qual a diferença entre a função social do cronista de hoje e do que escrevia em 1967, por exemplo?

**ARS** – Veja meu livro *Nós, os que matamos Tim Lopes*. Creio que a partir dos anos 80 a crônica incide no social. Eu, pelo menos, investi nessa direção também, devido aos veios principais de minha criação poética.

**AKD** – Sartre, em *Que é a Literatura?* diz que o escritor muitas vezes fala em nome de uma classe que não é a sua (em defesa dos pobres, por exemplo, ou um branco falando dos problemas dos negros) e costuma criticar quem que lhe mantém (o governo ou as editoras). Até que ponto isso interfere na crítica social feita através de uma crônica? Ou melhor, até que ponto a criação artística deve se pautar exclusivamente na bagagem que o artista traz ou na classe a que pertence?

**ARS** – Isto é mais complexo. A maioria dos escritores nossos vem de classes baixas. Mas mesmo os que vieram da elite rural como Amado, Lins do Rego e Drummond, tiveram atuação social-política. Podemos observar isso nos textos de Sergio Micelli sobre as origens dos escritores brasileiros. sobre crônica e participação.

## ANEXO 02

Filho de Rubem Braga diz que a crônica atual é “cascata”

Entrevista com o poeta e jornalista Roberto Braga, realizada em 22.09.2004.

**Ana Karla Dubiela** – Como era sua relação com o seu pai. Ele influenciou na sua relação com a escrita, tanto no jornalismo como na poesia?

**Roberto Braga** – Sem dúvida, ele influenciou muito.

**AKD** – Como era o homem, o pai e o cronista Rubem Braga?

**RB** – Era uma pessoa fora do comum, né? Muito à frente do seu tempo.

**AKD** – O senhor organizou o único livro de versos do seu pai. Ainda há algum projeto para as outras 14 mil crônicas ainda não publicadas?

**RB** – Não, já encerramos. O restante, a maioria matérias jornalísticas, está na Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro. Foi para lá que mandamos tudo o que restou, depois da morte dele. A Fundação tem hoje como segundo maior acervo o de Rubem Braga, o primeiro, é claro, é o de Rui Barbosa.

**AKD** – E como era o método de trabalho de Rubem Braga?

**RB** – Ele não tinha nenhum método de trabalho (rindo). Escrevia sempre como obrigação. Ele tinha muita dificuldade de dormir, sabe? Acordava e dormia freqüentemente, dia e noite, e então ele aproveitava o tempo que estava acordado para trabalhar. Quando ele não estava dormindo, ele estava escrevendo.

**AKD** – O que o senhor gosta mais na obra de seu pai?

**RB** – O que eu gosto mais é a parte que trata da infância mesmo, acho a parte mais saborosa. Mas a crônica que gosto mais, disparada, é “Aula de Inglês”, que o Paulo Autran freqüentemente diz. É muito engraçada.

**AKD** – Como era a relação dele com a crítica, nos anos 60, por exemplo?

**RB** – Naquela época a crítica não tinha muita atuação no cenário literário não. E até hoje ainda não tem. Mas a relação era muito boa, porque ele era editor de livros, então era muito respeitado no mundo literário, tinha uma boa relação inclusive com os outros editores e escritores.

**AKD** – E como poeta, como o senhor analisa os versos do seu pai?

**RB** – Eu não analiso não, eu sinto, eu gosto. Embora eu prefira o Rubem Braga cronista, né? A poesia era mais uma brincadeira dele. Ele dizia para as pessoas não se preocuparem que ele não publicaria outro livro de versos.

**AKD** – Com relação à crítica social, qual era a posição dele?

**RB** – Ele tinha uma atitude muito crítica. Ele era socialista utópico, digamos assim. Acreditava num socialismo que na verdade não existe.

**AKD** – Ele foi um dos fundadores do PSB. Essa posição política era atrelada ao seu trabalho ou ele era mais independente?

**RB** – As duas coisas. Ele era extremamente independente, mas chegava aos políticos com freqüência, tinha muitas relações com o mundo político.

**AKD** – E como ele trabalhou essa posição política nos anos 60, durante a ditadura militar? Essa crítica social muitas vezes subliminar era comum aos cronistas da época ou era uma característica maior em Rubem Braga?

**RB** – Ah, só era subliminar porque senão ia em cana, não dava. Eles simplesmente não publicariam uma coisa que fosse perigosa para o dono do jornal.

**AKD** – Na sua opinião qual o maior legado da obra de seu pai para a literatura brasileira?

**RB** – A extrema busca da verdade, esse é o legado.

**AKD** – Qual a avaliação que você faz da crônica nos dias de hoje?

**RB** – Eu sinceramente não gosto da crônica atual. Como se dizia antigamente, é uma tremenda cascata, quer dizer, escrevem sem nenhum plano, enfim... seria muito melhor se o espaço dos cronistas fosse móvel, quer dizer, quando eles tivessem mais o que dizer escreveriam mais, quando tivessem menos, escreveriam menos, agora ter que preencher aquele espaço todo dia é muito sem graça. São grandes enrolações, com exceções de alguns grandes cronistas, como Zuenir Ventura, mas o resto sinceramente eu não gosto. Tem uma politização sim, mas banalização mais ainda, porque tem cronista demais.

**AKD** – Como é viver na cobertura que marcou época na literatura do Rio de Janeiro? O jardim onde seu pai trabalhava ainda continua intacto?

**RB** – Da mesma forma é muito prazeroso.

### ANEXO 03

O fenômeno crônica ainda é “território virgem”, observa o cronista Airton Monte

Entrevista com o cronista Airton Monte, realizada em 10.09.2004, em Fortaleza.

**Ana Karla Dubiela** – Quando você começou a escrever crônicas?

**Airton Monte** – Entre 87, 88. Foi lançado um jornal em Fortaleza, em formato de tablóide, que era encartado no *JD (Jornal do Dorian)*. O nome do jornal era *O Pixote*. Era um jornal humorístico, mas também cheio de cronistas. Era semanal. O presidente era o Neno Cavalcante e o diretor-executivo era o Gervásio de Paula.

**AKD** – Além de você, quais os outros cronistas?

**AM** – Gervásio de Paula, Dedé de Castro, Blanchard Girão, José Domingos, Idelberto Torres, Guilherme Neto... uma plêiade de cronistas da terra, um pessoal que já havia escrito em jornal e eu fui convidado a participar desde o primeiro número. Escrevia uma crônica semanal para *O Pixote*.

**AKD** – Como foi passar da Medicina, da Psiquiatria, para as letras?

**AM** – Quando eu entrei para a faculdade de Medicina eu já escrevia. Eu fui do Clube dos Poetas. Tem muita gente aqui

que foi do Clube dos Poetas e nega: Adriano Espínola, Carlos Augusto Viana. Então eu estou nesse negócio antes da faculdade. De vez em quando, colaborava no *Pasquim*.

**AKD** – Você tem idéia de quantas crônicas você escreveu até hoje?

**AM** – Em dez anos de jornal, calculo em torno de três mil crônicas. Com a ajuda do Dimas Macedo e do Carlos Augusto Viana, escolhi 50 delas, que estão na coletânea *Moça com flor na boca*.

**AKD** – Quais as suas principais influências como cronista?

**AM** – Além de trabalhar em livraria, meu pai sempre nos cercou de livros. Lá em casa sempre tinha muito jornal, todo mundo lia muito. Como meu pai comprava todos os jornais e era fã da crônica, como minha mãe, um dos primeiros cronistas que eu li foi o Caio Cid. O Jader de Carvalho e o grande Milton Dias. Lia Ciro Colares, que é a minha influência maior, que pra mim é um dos maiores cronistas do Brasil. Depois o Otacílio Colares, que tem livros preciosos. No Brasil, Machado de Assis, Lima Barreto, que é um monstro. Depois o pessoal que escrevia na *Última Hora*, na fase áurea do jornalismo brasileiro, em *O Cruzeiro*, na *Manchete*, onde começou a despontar talvez a maior geração de cronistas que este Brasil já teve. Eu acho que foi aí que a crônica se firmou em popularidade. Um Sérgio Porto, com seu Stanislaw Ponte Preta, o grande e imenso Rubem Braga, Paulo Mendes Campos, Fernando Sabino, Antônio Maria, o imenso Nelson Rodrigues. E o pessoal do futebol, como Geraldo Romualdo, Armando Nogueira, que escrevendo sobre futebol elevaram a crônica desportiva ao nível poético. E Joel Silveira, a vóbora, e Carlinhos de Oliveira.

**AKD** – A evolução da crônica no Brasil passou da fase documental para a leveza dos folhetins e depois foi se tornando mais política. Você acompanhou essas transformações?

**AM** – Essa grande mudança já começou no final dos anos 60, em 1968, a partir do lançamento de *O Pasquim*, que fez uma revolução no jornalismo brasileiro e na crônica. Porque apesar de ser um jornal essencialmente humorista, era também um jornal essencialmente político. E nesse jornal nós vimos os grandes cronistas escrevendo. O Luís Fernando Veríssimo, Millôr Fernandes. Hoje, essa tendência da crônica política está mais com João Ubaldo Ribeiro, que sempre bateu forte, e o nosso Veríssimo.

**AKD** – Você diz que o Ceará é o estado com mais cronista por metro quadrado. Desde quando?

**AM** – Desde o começo, desde a Padaria Espiritual. Repare hoje, quem continua no batente: dos mais antigos, dos vovôs, Guilherme Neto, Lustosa da Costa, e da nova geração a Vânia Vasconcelos, tem também o Carlos Augusto Viana e outros que não me lembro agora. Algumas jornalistas têm tudo para ser cronista. Eu gosto muito do texto da Vânia

Vasconcelos e da Ethel de Paula, elas sabem escrever. A Vânia com o conteúdo mais existencial, mais lírico, e a Ethel na linha mais rubembraguiana, mais cotidiana, tem tudo para ser uma grande cronista.

**AKD** – Alguns teóricos defendem que a crônica é um gênero menor. Você concorda?

**AM** – Eu acho que em termos literários, não existem gêneros maiores nem menores. O romance não é menor, mas há romancistas menores, há contistas menores, há poetas menores e também há cronistas menores. Menor ou maior em termos de talento, de saber escrever.

**AKD** – Como é a relação da crônica com a Academia Cearense e as faculdades de Letras?

**AM** – A maior parte tem esse viés preconceituoso de que a crônica é um gênero menor. Muitos me dizem “você nunca mais escreveu nada sério, rapaz, só escreve crônica...” É essa mentalidade que predomina em 90% dos literatos. Na universidade, também.

**AKD** – Na verdade ela nasceu sem pretensão de durabilidade, para ser jogada fora junto com o jornal. Por que ela surpreendeu e está nas prateleiras das bibliotecas?

**AM** – Além de ter virado livro, ela virou hábito. As pessoas têm o hábito de recortar a crônica e arquivá-la. As mulheres, como são mais perfeccionistas, têm cadernos com coleções. Algumas delas me mostraram cadernos e pastas com minhas crônicas coladas e de outros cronistas, que elas revisitam quando querem. É incrível que apesar dessa receptividade, a crônica fica esquecida. Você tem teses na academia sobre tudo no mundo, até sobre coisas que não interessam a ninguém, como a aliteração em Camões, a função do “que” em determinado autor. Nunca se gastou tanto papel em vão.

**AKD** – Como você conceituaria a sua própria crônica? Quais os temas mais recorrentes?

**AM** – É a vida. No sentido em que eu vejo a vida e as coisas da vida. No meu universo particular, os símbolos mais recorrentes são a amizade, o amor, a mulher (talvez por ter sido criado e ter crescido entre mulheres: irmãs, avós, tias, mãe, para onde eu ia tinha uma mulher do meu lado me paparicando), a noite (porque a minha família é de boêmios), o futebol, a política.

**AKD** – E sua relação com a Academia de Letras?

**AM** – Não tenho nenhuma relação. Com os acadêmicos que são meus amigos há muito tempo, antes de serem acadêmicos, a minha relação é ótima. São vários os escritores da minha geração que estão na academia: Marli Vasconcelos, Dimas Macedo, Luciano Maia, Carlos Augusto Viana, Virgílio Maia e outros. Quase um terço da academia é da minha geração.

**AKD** – Qual a avaliação que você faz da crônica nacional hoje? Quais suas tendências?

**AM** – Eu acho que entre os que estão na ativa, os que eu leio mais, você encontra tendências bastante diferentes. O Veríssimo, com um humor mais refinado, um cronista de comédia de situação. E na linha mais política, fortemente crítica, está o nosso grande baiano João Ubaldo Ribeiro, que escreve em *O Globo*, *O Estado de S. Paulo*, entre outros. Hoje em dia, são os dois mais lidos.

**AKD** – Assim como as outras formas de arte, a crônica também traduziu o ambiente do AI-5, a repressão dos anos 70 e a liberdade pós-ditadura militar?

**AM** – Não como linha predominante, porque eu acho que a crônica é o mais independente dos gêneros. O cronista ele não é pautado. Com exceção do tempo da ditadura, nos anos 60, com endurecimento brabo, há uma atuação maior. O Carlos Heitor Cony tem um livro que tem tudo a ver com o golpe de 64: *O ato e o fato*.

**AKD** – E o Rubem Braga?

**AM** – É o grande poeta lírico da prosa. É difícil que alguém seja igual a ele. Aqui no Ceará guardam algumas semelhanças com ele o Milton Dias e principalmente o Ciro Colares.

**AKD** – Voltando à academia, você citaria algum trabalho acadêmico sobre crônica no Ceará que chamou sua atenção?

**AM** – A crônica é um terreno muito virgem para teses e dissertações, para estudos de especialização, mestrado e doutorado. E não sei como um país como o Brasil que, pode-se dizer, inventou a crônica ainda não estudou o gênero como deveria. Porque não tem um jornal, do menor jornalzinho de uma pequena cidade do interior ao maior, que não tenha um cronista. Até a TV tem um cronista.. É por isso que acho que a crônica é um território virgem, que deveria haver mais trabalho e pesquisa sobre esse fenômeno que é a crônica.